

DESTAQUES

Na última edição do ano, o *Interação* traz de presente para os seus leitores um texto sobre justiça e democracia do grande mestre da literatura portuguesa José Saramago.

INTER AÇÃO

ORGANIZAÇÃO

Alex Galvão Silva
Gadafy de M. Zeidam
Henrique de Barros
Jaqueline P. de Sousa
Pedro Lira Filho
Rafael Falcão
Susana Sousa
Thiago Cabral
Valmária A. da Silva
Welton do N. Braz

Política Filosofia Cultura
Uma contribuição para a formação humana

Nº 08 Ano 01 Data 16/12/02
Teresina - Piauí / UFPI-CCHL

EDITORIAL

Coordenação do Interação

Essa é a última edição, nesse período letivo, do *Interação*. E para a equipe, a satisfação pela receptividade desse modesto projeto se expressa em um sincero 'muito obrigado'. Desejamos também aos nossos colaboradores especiais e aos nossos digníssimos leitores um ótimo fim de ano, sem esquecer que o ano novo representa um constante renovar da vida. Assim, esperamos que em 2003 nossos dias sejam repletos de experiências, agora reinventadas pelo aprendizado de 2002.

A equipe do *Interação* espera que a chegada do ano novo também sirva de inspiração para uma mudança de postura em vários âmbitos. Após vários anos de governo [pseudo]social-democrata com tendências evidentemente liberais, o povo decidiu finalmente apostar na retórica da esquerda. E dizemos dessa forma, porque somente agora podemos saber até que ponto a retórica é exequível. O nosso desejo sincero é que não seja simplesmente uma mudança, mas que além de uma mudança real e sistemática, seja também uma mudança para melhor. Uma mudança que se expresse nas várias frentes políticas do Estado, que seja não só uma mudança estrutural, mas também um reforço e uma implementação de estratégias capazes de garantir uma verdadeira transformação social.

Outra mudança de postura deve surgir da própria sociedade, já que a relação indivíduo-Estado parece distanciar-se daquele desejo insaciável de liberdade para aproximar-se cada vez mais de uma dialética constante entre esses dois pólos, onde cada um deles sofre ingerência e é determinado pelo outro, numa espécie de diálogo constante, pressupondo-se, portanto uma atitude recíproca. E quando falamos de atitude fazemos a remissão àquela mudança de postura, exigindo-se do indivíduo nesse contexto histórico uma participação real e efetiva no funcionamento do Estado.

É com esses sinceros votos e com essas utopias que reforçamos o nosso desejo de uma transformação direcionada e nos despedimos dos nossos leitores.

O *Interação*, na sua simplicidade, tem procurado fazer a sua parte. Faça você, também! "Quem faz a hora, não espera acontecer".

ARTIGOS

A JUSTIÇA, A DEMOCRACIA E OS SINOS

José Saramago - Escritor português, Prêmio Nobel da Literatura em 1999

Começarei por vos contar em brevíssimas palavras um fato notável da vida camponesa ocorrido numa aldeia dos arredores de Florença há mais de 400 anos. Permito-me pedir toda a vossa atenção para esse importante acontecimento histórico porque, ao contrário do que é corrente, a lição moral extraível do episódio não terá de esperar o fim do relato, saltar-vos-á ao rosto não tarda.

Estavam os habitantes nas suas casas ou a trabalhar nos cultivos, entregue cada um aos seus afazeres e cuidados, quando de súbito se ouviu soar o sino da igreja. Naqueles piedosos tempos (estamos a falar de algo sucedido no século 16) os sinos tocavam várias vezes ao longo do dia, e por esse lado não deveria haver motivo de estranheza, porém aquele sino dobrava melancolicamente a finados, e isso, sim, era surpreendente, uma vez que não constava que alguém da aldeia se encontrasse em vias de passamento.

Saíram portanto as mulheres à rua, juntaram-se as crianças, deixaram os homens as lavouras e os mesteres, e em pouco tempo estavam todos reunidos no adro da igreja, à espera de que lhes dissessem a quem deveriam chorar. O sino ainda tocou por alguns minutos mais, finalmente calou-se. Instantes depois a porta abria-se e um camponês aparecia no limiar.

Ora, não sendo este o homem encarregado de tocar habitualmente o sino, compreende-se que os vizinhos lhe tenham perguntado onde se encontrava o sineiro e quem era o morto. "O sineiro não está aqui, eu é que toquei o sino", foi a resposta do camponês. "Mas então não morreu ninguém?", tornaram os vizinhos, e o camponês respondeu: "Ninguém que tivesse nome e figura de gente, toquei a finados pela Justiça porque a Justiça está morta."

Exaltada indignação

Que acontecera? Acontecera que o ganancioso senhor do lugar (algum conde ou marquês sem escrúpulos) andava desde há tempos a mudar de sítio os marcos das estremas das suas terras, metendo-os para dentro da pequena parcela do camponês, mais e mais reduzida a cada avançada. O lesado tinha começado por protestar e reclamar, depois implorou compaixão, e finalmente resolveu queixar-se às autoridades e acolher-se à proteção da Justiça.

Tudo sem resultado, a espoliação continuou. Então, desesperado, decidiu anunciar urbi et orbi (uma aldeia tem o exato tamanho do mundo para quem sempre nela viveu) a morte da Justiça. Talvez pensasse que o seu gesto de exaltada indignação lograria comover e pôr a tocar todos os sinos do universo, sem diferença de raças, credos e costumes, que todos eles, sem exceção, o acompanhariam no dobre a finados pela morte da Justiça, e não se calariam até que ela fosse ressuscitada.

Um clamor tal, voando de casa em casa, de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, saltando por cima das fronteiras, lançando pontes sonoras sobre os rios e os mares, por força haveria de acordar o mundo adormecido... Não sei o que sucedeu depois, não sei se o braço popular foi ajudar o camponês a repor as estremas nos seus sítios, ou se os vizinhos, uma vez que a Justiça havia sido declarada defunta, regressaram resignados, de cabeça baixa e alma sucumbida, à triste vida de todos os dias. É bem certo que a História nunca nos conta tudo...

Morte todos os dias

Suponho ter sido essa a única vez que, em qualquer parte do mundo, um sino, uma campânula de bronze inerte, depois de tanto haver dobrado pela morte de seres humanos, chorou a morte da Justiça. Nunca mais tornou a ouvir-se aquele fúnebre dobre da aldeia de Florença, mas a Justiça continuou e continua a morrer todos os dias. Agora mesmo, neste instante em que vos falo, longe ou aqui ao lado, à porta da nossa casa, alguém a está matando.

De cada vez que morre, é como se afinal nunca tivesse existido para aqueles que nela tinham confiado, para aqueles que dela esperavam o que da Justiça todos temos o direito de esperar: justiça, simplesmente justiça. Não a que se envolve em túnicas de teatro e nos confunde com flores de vã retórica judicialista, não a que permitiu que lhe vendassem os olhos e viciassem os pesos da balança, não a da espada que sempre corta mais para um lado que para o outro, mas uma justiça pedestre, uma justiça companheira cotidiana dos homens, uma justiça para quem o justo seria o mais exato e rigoroso sinónimo do ético, uma justiça que chegasse a ser tão indispensável à felicidade do espírito como indispensável à vida é o alimento do corpo.

Uma justiça exercida pelos tribunais, sem dúvida, sempre que a isso os determinasse a lei, mas também, e sobretudo, uma justiça que fosse a emanação espontânea da própria sociedade em ação, uma justiça em que se manifestasse, como um iniludível imperativo moral, o respeito pelo direito a ser que a cada ser humano assiste.

Mas os sinos, felizmente, não tocavam apenas para planger aqueles que morriam. Tocavam também para assinalar as horas do dia e da noite, para chamar à festa ou à devoção dos crentes, e houve um tempo, não tão distante assim, em que o seu toque a rebato era o que convocava o povo para acudir às catástrofes, às cheias e aos incêndios, aos desastres, a qualquer perigo que ameaçasse a comunidade.

Obra desatinada de um louco

Hoje, o papel social dos sinos encontra-se limitado ao cumprimento das obrigações rituais e o gesto iluminado do camponês de Florença seria visto como obra desatinada de um louco ou, pior ainda, como simples caso de polícia. Outros e diferentes são os sinos que hoje defendem e afirmam a possibilidade, enfim, da implantação no mundo daquela justiça companheira dos homens, daquela justiça que é condição da felicidade do espírito e até, por mais surpreendente que possa parecer-nos, condição do próprio alimento do corpo.

Houvesse essa justiça, e nem um só ser humano mais morreria de fome ou de tantas doenças que são curáveis para uns, mas não para outros. Houvesse essa justiça, e a existência não seria, para mais de metade da humanidade, a condenação terrível que objetivamente tem sido. Esses sinos novos cuja voz se vem espalhando, cada vez mais forte, por todo o mundo, são os múltiplos movimentos de resistência e ação social que pugnam pelo estabelecimento de uma nova justiça distributiva e comutativa que todos os seres humanos possam chegar a reconhecer como intrinsecamente sua, uma justiça protetora da liberdade e do direito, não de nenhuma das suas negações.

Tenho dito que para essa justiça dispomos já de um código de aplicação

prática ao alcance de qualquer compreensão, e que esse código se encontra consignado desde há 50 anos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, aqueles 30 direitos básicos e essenciais de que hoje só vagamente se fala, quando não sistematicamente se silencia, mais desprezados e conspurcados nesses dias do que o foram, há 400 anos, a propriedade e a liberdade do camponês de Florença.

E também tenho dito que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, tal qual se encontra redigida, e sem necessidade de lhe alterar sequer uma vírgula, poderia substituir com vantagem, no que respeita a retidão de princípios e clareza de objetivos, os programas de todos os partidos políticos do orbe, nomeadamente os da denominada esquerda, anquilosados em fórmulas caducas, alheios ou impotentes para enfrentar as realidades brutais do mundo atual, fechando os olhos às já evidentes e temíveis ameaças que o futuro está a preparar contra aquela dignidade racional e sensível que imaginávamos ser a suprema aspiração dos seres humanos.

Gato e rato

Acrescentarei que as mesmas razões que me levam a referir-me nestes termos aos partidos políticos em geral, as aplico por igual aos sindicatos locais, e, em consequência, ao movimento sindical internacional no seu conjunto. De um modo consciente ou inconsciente, o dócil e burocratizado sindicalismo que hoje nos resta é, em grande parte, responsável pelo adormecimento social decorrente do processo de globalização económica em curso.

Não me alegra dizê-lo, mas não poderia calá-lo. E, ainda, se me autorizam a acrescentar algo da minha lavra particular às fábulas de La Fontaine, então direi que, se não interviermos a tempo, isto é, já, o rato dos direitos humanos acabará por ser implacavelmente devorado pelo gato da globalização económica.

E a democracia, esse milenário invento de uns atenienses ingênuos para quem ela significaria, nas circunstâncias sociais e políticas específicas do tempo, e segundo a expressão consagrada, um governo do povo, pelo povo e para o povo? Ouço muitas vezes argumentar a pessoas sinceras, de boa fé comprovada, e a outras que essa aparência de benignidade têm interesse em simular, que, sendo embora uma evidência indelével o estado de catástrofe em que se encontra a maior parte do planeta, será precisamente no quadro de um sistema democrático geral que mais probabilidades teremos de chegar à consecução plena ou ao menos satisfatória dos direitos humanos.

Nada mais certo, sob condição de que fosse efetivamente democrático o sistema de governo e de gestão da sociedade a que atualmente vimos chamando democracia. E não o é. É verdade que podemos votar, a verdade que podemos, por delegação da partícula de soberania que se nos reconhece como cidadãos eleitores e normalmente por via partidária, escolher os nossos representantes no parlamento, é verdade, enfim, que da relevância numérica de tais representações e das combinações políticas que a necessidade de uma maioria vier a impor sempre resultará um governo.

Poder económico

Tudo isso é verdade, mas é igualmente verdade que a possibilidade de ação democrática começa e acaba aí. O eleitor poderá tirar do poder um governo que não lhe agrade e pôr outro no seu lugar, mas o seu voto não teve, não tem, nem nunca terá qualquer efeito visível sobre a única e real força que governa o mundo, e portanto o seu país e a sua pessoa: refiro-me, obviamente, ao poder económico, em particular à parte dele, sempre em aumento, gerida pelas empresas multinacionais de acordo com estratégias de domínio que nada têm que ver com aquele bem comum a que, por definição, a democracia aspira.

Todos sabemos que é assim, e contudo, por uma espécie de automatismo verbal e mental que não nos deixa ver a nudez crua dos fatos, continuamos a falar de democracia como se se tratasse de algo vivo e atuante, quando dela pouco mais nos resta que um conjunto de formas ritualizadas, os inócuos passes e os gestos de uma espécie de missa laica.

E não nos apercebemos, como se para isso não bastasse ter olhos, de que os nossos governos, esses que para o bem ou para o mal elegemos e de que somos portanto os primeiros responsáveis, se vão tornando cada vez mais em meros "comissários políticos" do poder económico, com a objetiva missão de produzirem as leis que a esse poder convierem, para depois, envolvidas nos açúcares da publicidade oficial e particular interessada, serem introduzidas no mercado social sem suscitar demasiados protestos, salvo os certas conhecidas minorias eternamente descontentes...

Debate mundial

Que fazer? Da literatura à ecologia, da fuga das galáxias ao efeito de estufa, do tratamento do lixo às congestões do tráfego, tudo se discute neste nosso mundo. Mas o sistema democrático, como se de um dado definitivamente adquirido se tratasse, intocável por natureza até à consumação dos séculos, esse não se discute.

Ora, se não estou em erro, se não sou incapaz de somar dois e dois, então, entre tantas outras discussões necessárias ou indispensáveis, é urgente, antes que se nos torne demasiado tarde, promover um debate mundial sobre a democracia e as causas da sua decadência, sobre a intervenção dos cidadãos na vida política e social, sobre as relações entre os Estados e o poder económico e financeiro mundial, sobre aquilo que afirma e aquilo que nega a democracia, sobre o direito à felicidade e a uma existência digna, sobre as misérias e as esperanças da humanidade, ou, falando com menos retórica, dos simples seres humanos que a compõem, um por um e todos juntos. Não há pior engano do que o daquele que a si mesmo se engana. E assim é que estamos vivendo.

Não tenho mais que dizer. Ou sim, apenas uma palavra para pedir um instante de silêncio. O camponês de Florença acaba de subir uma vez mais à torre da igreja, o sino vai tocar. Ouçamo-lo, por favor.

CULTURA E LAZER



Henrique de Barros, Rafael Falcão e Welton Braz

Cinema

Cine Teresina * 1. O Pequeno Stuart Little II - Animação 2. Casamento grego - Comédia [Com Nia Vardalos e John Corbett] 2.1 Carga explosiva - Ação [Com Jason Statham, Shu Qi, François Berleand e Matt Schulze] 3. Xuxa e os Duendes - Infantil [Com Xuxa Meneguel, Vera Fisher, Luciano Szafir e Guilherme Karan]

Cine Riverside * 1. O Pequeno Stuart Little II - Animação 2. Xuxa e os Duendes - Infantil [Com Xuxa Meneguel, Vera Fisher, Luciano Szafir e Guilherme Karan] 3. Harry Potter e a Câmara Secreta - Aventura [Com Daniel Radcliffe e Emma Watson]

Livro

* O livro dessa semana tem como título "A Antropologia da Razão", do prof. de antropologia da Universidade de California Paul Rabinow. Ele é, ao lado de Michel Foucault e Noam Chomsky, um dos mais importantes pensadores das relações entre ciência, poder e experiência social na modernidade. Na obra são destacadas as temáticas: formação do sujeito e governamentalidade; o papel político do intelectual, das representações e da ética na modernidade antropológica como nominalismo; ciências da vida e práticas de normalização. Você pode encontrar o livro na Biblioteca Comunitária da UFPI, com as seguintes referências 300 / R116a.

IPSIS LITTERIS

Compilação por Pedro Alves Lira Filho

Feliz Natal

Por que os sinos poucos ouvem?
Por que só há um Natal por ano
se se tem fome todo dia?
De que valem as cestas
se os sábados são o fim da comida?
Os meninos correm nas "ruas"
os meninos "vivem" nas "ruas"
os meninos morrem nas "ruas",
a inocência morre nas "ruas"

Harmonia, felicidade, apenas palavras e votos natalinos?
Natal, paz e fraternidade?

Somos gente no Jockey e na Risoleta Neves!
Em Nova York e em Gaza.

Temos fome no Natal e na Quarta-feira de cinzas!

Choramos de felizes e de famintos!

O Natal é um só dia
A vida é todo dia
O homem é tudo
não só o estômago!
Nós temos almas.

Deus deve estar em nós
Não nós sermos ele.

Tomo este espaço pois depois de tantas campanhas "contra" a fome, não há como entender a necessidade destas se já se sabe como acabar com ela todo dia e desejar felicidade se se quer ser feliz sozinho!

ARTIVIDADES

"No recital de natal, o solista do coral Vida Nova cantava alegremente..."

Este ano, quero gastar aquele dinheirão!
Foi o décimo terceiro, que meti a mão...



Thiago Cabral